

“O homem sem qualidades” vol. 1, de Robert Musil

“The Man Without Qualities” vol. 1, by Robert Musil

“El Hombre Sin Atributos” vol. 1, de Robert Musil

Anderson Bem ¹  <https://orcid.org/0000-0003-0330-9145>

¹ Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS)  - Naviraí (MS), Brasil

Autor de correspondência: anderson.bem@ifms.edu.br

Recebido: 30 Ago. 2024. Aceito: 01 Nov. 2024

Editor de seção: Glaucio Marafon  <https://orcid.org/0000-0001-9510-7094>

Desenvolvimento

Musil, Robert. O homem sem qualidades. 5e. Vol. 1. Tradução de Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

A obra “O homem sem qualidades” de Robert Musil é um romance histórico, sendo composto por 2 volumes escritos pelo autor nos anos 1920 e 1930. A resenha apresentada se trata do volume 1 da 5ª edição publicada pela editora Nova Fronteira em 2021 e traduzida por Lya Luft e Carlos Abbenseth. A obra é prefaciada por Marcelo Backes e o corpo geral do livro é dividido em duas partes e 123 capítulos.

Robert Musil nasceu em Kragenfurt na Áustria em 1880 e faleceu em Genebra na Suíça em 1942. “O homem sem qualidades” é resultado de cerca de 20 anos de trabalho do autor para escrever os volumes I e II. O Volume I foi publicado pela primeira vez em 1930.

A forma de escrita de Robert Musil diverge da literatura convencional. Para Castro (2011) a noção do ensaísmo de Robert Musil rompe com a crítica literária e se apresenta com um aspecto do princípio ético e crítico. Do ponto de vista do estilo, o autor opta pelo ensaísmo histórico.

O autor é impactado pelo contexto histórico e geográfico vivenciado, ou seja, as transformações da Europa do final do século XIX e também pela I Guerra Mundial.

Musil faz parte de uma geração de escritores de língua alemã nascida nas últimas décadas do XIX, num momento em que os esforços formativos do XVIII já se tornavam perceptíveis. A maioria desses escritores viveu como espectadores dos anos de efervescência cultural do pré-guerra e do movimento expressionista. Após a Primeira Guerra Mundial, quando os impasses da cultura liberal europeia se tornam evidentes, essa geração se engaja num esforço conjunto de refletir sobre a vida numa sociedade industrial e massificada, e de dar forma a uma cultura moderna autêntica, que representasse a vida na nova civilização (Castro, 2011, p.105-106).

A riqueza do pensamento de Robert Musil é esboçada no dilema e cotidiano dos personagens, passando por situações comuns aonde as contradições se tornam mais evidentes até por visões e análises mais abrangentes sobre o progresso da sociedade.

A Europa do final século XIX e início do século XX é uma grande colcha de retalhos com muitos reinos, ducados e principados. Várias transformações vão emergir nesse período, frutos da Revolução Industrial que vai provocar profundas metamorfoses nas cidades e no campo. A sociedade retratada por Robert Musil carrega essas contradições, marcada pelos traços de feudalismo, do poder ainda forte da Igreja, de um Estado que precisa ser modernizado e das monarquias que lutam para permanecer no poder.

Dentro desse contexto mais abrangente que se localiza o Império Austro-Húngaro fundado em 1867 e dissolvido em 1918. Na época, o segundo maior império da Europa, atrás apenas do Império Russo. O Império Austro-Húngaro abrangia uma área superior a 620.000 km² e constituiu a última fase na evolução constitucional da monarquia dos Habsburgos. A Áustria ao mesmo que apresentava crescimento significativa de seu PIB e da indústria de automóveis, química e elétrica; ela se colocava como “um baluarte do conservadorismo e da luta contra o liberalismo e a democracia, recuando até mesmo dos ideais iluministas de vários dos seus imperadores do século XVIII” (Bertonha, 2015, p. 119).

A ironia de Robert Musil em seu romance histórico mescla um tom autobiográfico com componentes reais e fictícios ambientado na Áustria 1913 no período que antecede a Primeira Grande Guerra Mundial. O país fictício é denominado de Kakânia, lugar em que parece que nada acontece, é como se as elites e a população de forma geral estivessem alheios as transformações da Revolução Industrial e da Revolução Francesa.

O Homem sem Qualidades é protagonizado por Ulrich, um sujeito filho de um advogado do estamento burocrático e desprovido de qualquer forma de vaidade, ambição. Ulrich é ateu e cético, apaixonado pela ciência, além de ser indiferente à monarquia. Esse sujeito curioso não aparenta nenhum tipo de enraizamento por opção intelectual de vida é o oposto da sociedade vienense do início do século XX. Ao contrário do personagem Mersault, da obra O estrangeiro de Albert Camus (1949), Ulrich não é um sujeito estranho ou alienado do meio em que vive, a sua condição *sui generis* está em decompor os elementos de racionalidade, moral e objetividade da aparente sociedade organizada.

No decorrer da obra Robert Musil traduz a riqueza do ensaio como forma de contextualizar e potencializar a riqueza das relações:

“...numa primeira aproximação grosseira, aos atos e qualidades o que parecia sólido torna-se pretexto para muitos outros significados, o que acontecia torna-se símbolo de algo que talvez nem acontecesse, mas que era sentido; e o ser humano enquanto resumo de suas potencialidades, o ser potencial, o poema não escrito de sua existência, opunha-se ao ser humano como texto, realidade e caráter” (Musil, 2021, p.269).

A passagem faz uma reflexão sobre o ser humano como potência do vir a ser, o super-homem de Friedrich Nietzsche. “... a vontade de potência do super-homem nietzschiano o situa além do bem e do mal e o faz desprender-se de todos os produtos de uma cultura decadente (Ferez, 1999, p. 13).

Dois eventos principais vão ser o fio condutor da obra. O primeiro, o assassinato cometido por Moosbrugger e o segundo a Ação Paralela, evento festivo para comemorar o jubileu da monarquia austríaca.

Moosbrugger será o tema debatido pela sociedade vienense durante semanas, da sua prisão até o seu julgamento. A sanidade mental do homicida provocará inquietações em Ulrich. Questionamentos sobre a capacidade do sistema jurídico e do corpo de médicos psiquiatras de tomar decisões sobre a vida das pessoas. Moosbrugger é analisado e compreendido como produto do seu tempo, da II Revolução Industrial _ ele é um indivíduo desenraizado, só, num mundo indiferente às singularidades dos sujeitos.

A Ação Paralela é um evento de cunho patriótico organizado pelo Conde Leinsdorf para celebrar o jubileu da monarquia austríaca e o aniversário do Imperador, o mais velho do mundo, que completará 88 anos. Ulrich surge como um enviado especial pelo seu pai para auxiliar na organização do evento patriótico.

Ulrich, cético a qualquer produto da obra da ação humana, entra em contato com a realidade austríaca, com pessoas da burguesia nascente e com a aristocracia tradicional. No

desenrolar dos eventos e principalmente devido a sua capacidade intelectual, ele acaba participando com outros personagens: sua prima Diotima (Baronesa aristocrata), Dr. Paul Arnheim (burguês prussiano), General Stumm (enviado do Ministério da defesa), na organização do ato festivo.

Todavia, a própria Ação Paralela no transcorrer dos fatos manifestasse o contexto de uma sociedade e de um império que estão sendo dissolvidos pelo avanço da Revolução Industrial e dos ideais da Revolução Francesa. Os personagens da ação paralela, com exceção de Ulrich, procuram em vão reconstruir um passado glorioso a partir das mais variadas ideias e valores: arquitetura, a música, a arte, a filosofia, a religião etc.

O estranhamento das elites austríacas perante as transformações do século XX não passará despercebido pelas classes subalternas. Movimentos de organizações sociais protestam contra a Ação Paralela e em prol de melhorias nas condições de vida da população. As tensões sociais retratadas na obra de Robert Musil tocaram em temas sensíveis como: a presença dos imigrantes, a violência urbana nascente, a ascensão de movimentos nacionalistas e o antissemitismo. O historiador Eric Hobsbawm (1995, p.122-123) argumenta que os movimentos nacionalistas e antissemitas se fortaleciam na Europa ocidental desde o final do século XIX.

A obra "O homem sem qualidades" de Robert Musil é uma análise ao mesmo tempo irônica e profunda das contradições da evolução da sociedade industrial, da aristocracia austríaca lutando para ficar em pé diante do fantasma do socialismo que ronda a Europa. O homem vai sendo decomposto, tragado por ideologias massificantes de cunho nacionalista e também socialista. Nessa sociedade cheia de tensões, o indivíduo enquanto singularidade parece desaparecer, ou como bem diz o autor: "o homem é um poema a ser escrito".

Referências

- BERTONHA, J. F. O Império Austro-Húngaro: o ator desconhecido da primeira guerra mundial. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 115-137, out. 2015.
- CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Tradução de Antônio Quadros. Introdução de Jean-Paul Sartre. Edição Livros do Brasil. Lisboa, 1949.
- CASTRO, Érica G. Sobre o ensaísmo de Robert Musil. In: **Pandaemonium**. São Paulo, n.17, jul/2011. p. 103-117.
- FEREZ, Olgária C. Vida e Obra. In: **Friedrich Nietzsche**: Obras incompletas. Coleção Os Pensadores, Nova Cultural: São Paulo, 1999.
- HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). 2ed. Tradução de Marcos Santarrita. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.